

Biopolítica e laço social

Henrique Figueiredo Carneiro

A biopolítica que Michel Foucault apresentou em seus trabalhos, ganha na atualidade um avanço significativo quando repensamos os processos de subjetivação que se apresentam na clínica. Dados que aparecem, sobretudo, no desvario dos laços sociais que exibem efeitos de massa e corpos carregados de marcas ou atravessados por objetos de consumo que prometem uma resolução para o impasse deflagrado entre a promessa e a constatação do que não existe.

Nesse interstício acena o sujeito, clamando por uma atenção, seja ela social, institucional, psicossocial, enfim, a algo que sustente discursivamente uma presença que refere aonde vamos e o que pode ser sufragado em tempos de guerra sem fronteiras definidas, vez que impera a porosidade social. Eis algumas questões que se colocam diante deste quadro: a que ou a quem recorre o sujeito? Ao discurso? Qual? Às instituições? Elas existem, porém sem força de consistência para sustentar uma marca subjetiva que faça o sujeito sonhar, idealizar e se inquietar com o que vê.

A biopolítica insiste de forma mais vigorosa, mas sem uma definição clara de onde emana o poder. “*Match, Power, Puissance*”, o belo tratado de Raymond Aron, nos faz perguntar se vivemos

uma *prosa democrática* ou uma *poesia demoníaca*, pois os atos se confundem com a força bruta e tentam representar o que o simbólico não mais sustenta como alimento indispensável à diferença galgada pela alteridade. São corpos esvaziados de uma representação, e, como tal, susceptíveis a toda sorte de ataques de uma implacável lei sem consistência na tarefa de fazer o sujeito responder com um sentido.

Os efeitos que reverberam no laço social e que se fazem presentes no alvoroço das cenas atravessadas por uma violência galopante, deixam entrever que a clínica do cotidiano se abarrota de corpos e cada vez mais de menos sentido. O que fica é o desafio para a psicanálise. Ela que parte do primado da escuta, na tarefa de causar ao sujeito uma travessia entre a queixa, o sintoma e a retificação de uma posição que o fixa. Uma posição que, em um determinado ponto de uma rocha, aponta à inflexão da inexorável condição traumática que lhe é própria.

São estas, talvez, as grandes inquietudes que nos estremece. Portanto, são estes temas que apresentamos neste número: adições, marcas corporais, violência, trauma, eugenia, preconceito, inibição, exclusão social, diversidade, miscigenação, melancolia e temporalidade, criação contemporânea, infração e submissão.

São textos que perguntam pela consistência do sujeito. Que passam pelo gozo individualista e deflagram a inconsistência dos laços sociais. Que inserem reflexões sobre as formas como se constroem na atualidade, saídas subjetivas a partir da sua condição de usuários de drogas. Que apresentam indagações relacionando os atos violentos praticados, a falência da lei e a falta de equivalência simbólica. Que atualizam as articulações sobre o esquecimento do melancólico que não deixa o objeto escapar de sua economia psíquica. Que reapresenta o trabalho psíquico cotidiano do sujeito quando associa corpo, letra e significante. Que analisa o esforço que é para atualidade o cultivo crítico da identidade, objetivando a construção de um lugar subjetivo da diferença. Que reclama, enfim, uma releitura da hostilidade primária apontada por Freud nos seres humanos, como uma das expressões da agressividade, que ameaça com uma permanente desintegração a sociedade civilizada.

Com esta série de indagações, avançamos na *Psicopatologia Cotidiana*, fazendo valer o objeto da Psicopatologia Fundamental, que retira da cidade o sentido para os corpos através das marcas sem palavras, dos objetos que emudecem, porém ensurdecadores para um sujeito proprietário de uma voz sempre latente. A cidade é um lócus do laço e é o sujeito quem o constrói ou o destrói de acordo com o que se põe em evidência e que pode vogar ou não. Ele responde com o que pode, isto é, com o que lhe chega sob a forma de convocatórias. A resposta é sua, o sintoma é seu, mas, a cidade é nossa...

A Editoria do LAJFP apresenta aos leitores uma nova seção intitulada “Psicopatologia Cotidiana”, voltada para a divulgação de opiniões, leituras ou críticas sobre fatos que envolvam diretamente questões de interesse da Psicopatologia Fundamental.